

A CIDADE

Tem Cachoeiro de Itapemirim seu dia, que é o de S. Pedro, seu padroeiro. Fosse eu escolher um santo para minha cidade e não haveria de querer outro. Menino que não chegou a tempo de conhecer nenhum avô, sempre adotei, na imaginação vadia, esse avô bonachão de barbas — tão simpático até na sua fraqueza na hora do galo cantar, tão engraçado nas mil anedotas da porta do Céu. Nenhum santo me parece mais humano — e sua imagem eu a verei sempre, como nas noites antigas do adro da Igreja do lado Norte, depois do fragor de uma inesquecível armação de fogos de artifícios figurando uma impressionante batalha naval em que cruzadores e encouraçados avançavam no céu, sobre fios trêmulos, atirando bombas que explodiam em cores — uma imagem em oleogravura em que ele aparecia de chave na mão, glorioso entre o esplendor das luzes mil.

Apesar de meus pecados (que são muitos, ainda que tristes, pois — ai de mim! — os melhores sempre foram apenas por pensamento) sempre tenho confiança de que não serei maltratado na porta do Céu, e mesmo que S. Pedro tenha ordem para não me deixar entrar ele ficará indeciso quando eu lhe disser em voz baixa: "eu sou lá de Cachoeiro..." Quando na minha infância me disseram que ele era pescador eu o imaginava tarrafeando piabas e carás na beira do rio ou pescando piáu debaixo da ponte, ou passando de pé, na canoa, barbas ao vento, remo na mão, por um remanso do Itapemirim.

No 29 de junho toda a cidade se enfeita em festas e bailes, e muitos de seus filhos vêm de longe para festejá-la. O Dia de Cachoeiro é, por uma delicadeza tão natural em sua gente, o dia do cachoeirense ausente. E dentre todos que aparecem nesse dia um é sempre escolhido para alvo de todas as homenagens. Eu serei o Cachoeirense Ausente de 1951 — e na emoção que me trouxe esse aviso não há outro orgulho que não esse, tão natural, de ser lembrado em minha terra por minha gente. Pois os homens de Cachoeiro não escolhem seu convidado oficial em atenção a nenhuma qualidade ou importância da pessoa, e pouco lhes importa que esse cachoeirense tenha um poder ou riqueza ou esteja comendo, em terra estranha, o pão que o diabo amassou. A escolha é toda afetiva, e nisso está seu encanto e sua nobreza.

É possível que gente de outras terras ache graça ou exagero no culto que os cachoeirenses temos pela nossa terra. Ela não será melhor que as outras. Não é para ser, nem para fingir que é. Mas nesse carinho egoísta de um homem pela sua cidade cada um de nós sente alguma coisa de superior e de bom. O sentimento da cidade, a comunhão dos seus homens, nos ajuda a desprezar tudo o que separa e divide os humanos; a cidade é nosso exercício e nossa compreensão do mundo. Ele seria melhor se por um minuto ele todo pudesse ficar animado desse espírito fraternal, que desconhece todas as divisões, e que sempre foi a inspiração do Dia de Cachoeiro.

3/5/51

R. B.

451